

2346806

A IDEIA ORIGINAL DESTES LIVRO, SUGERIDA PELO GEÓLOGO ÁLVARO RODRIGUES DOS SANTOS, FOI A DE RESGATAR A GRANDE OBRA ACADÊMICA DO PROFESSOR JOSÉ MOACYR VIANNA COUTINHO. ENTRETANTO, DURANTE AS CONVERSAS ENTRE OS COLABORADORES, FOI TOMANDO CORPO O CONCEITO DE UM LIVRO-HOMENAGEM, QUE PERMEASSE ENTRE OS REGISTROS DE SUA VIDA ACADÊMICA E OS RELATOS DE SUA VIDA PESSOAL. SOB A ÓPTICA DE SEUS MAIS VARIADOS ADMIRADORES: CONTEMPORÂNEOS DE UNIVERSIDADE E DISCÍPULOS DO "PROFESSOR COUTINHO", ESPOSA E FILHOS DO "ZÉ MOACYR" E NETOS DO "VOVÔ MINHÊ".

ASSIM, ESTE LIVRO APRESENTA A FIGURA DE JOSÉ MOACYR VIANNA COUTINHO, O MAIOR PETRÓGRAFO BRASILEIRO, COMO PESQUISADOR ÁVIDO POR RESPOSTAS ÀS MAIS VARIADAS DÚVIDAS NO CAMPO MINERALÓGICO E PETROLÓGICO; COMO PROFESSOR RESPONSÁVEL E PACIENTE, SEMPRE DISPONÍVEL PARA TRANSMITIR SEUS CONHECIMENTOS E DESENVOLVER ENGENDROS QUE FACILITASSEM O ENSINO DA MINERALOGIA ÓPTICA; E COMO ORIENTADOR DE INÚMERAS PESQUISAS ACADÊMICAS - NA MAIORIA DAS VEZES DE MANEIRA INFORMAL. SOMAM-SE AINDA CENTENAS DE TRABALHOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, DE CUNHO NACIONAL E INTERNACIONAL, ALÉM DOS VÁRIOS CAUSOS E REGISTRO FOTOGRÁFICO DE MOMENTOS VIVIDOS COM O PESQUISADOR, PROFESSOR, ORIENTADOR, AMIGO, ESPOSO, PAI, AVÔ E BISAVÔ.

A ELABORAÇÃO DESTA OBRA CONTOU COM O REGISTRO PRECISO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO PROFESSOR COUTINHO, PORÉM FALHAS PODERÃO SER IDENTIFICADAS PRINCIPALMENTE NOS RELATOS DE VIVÊNCIAS QUE SE BASEIAM EM UMA MEMÓRIA FRAGMENTADA QUE TEIMA EM SE APAGAR. NO ENTANTO, PRETENDE-SE CONFIGURAR UM RETRATO, AINDA QUE PÁLIDO, DA SINGULARIDADE DESTES GEOCIEN- TISTA, QUE SIRVA DE EXEMPLO PARA AS NOVAS GERAÇÕES.

DEDALUS - Acervo - IGC



30900031059

José Moacyr Vianna Coutinho Geologia e Causos

Giannini, Paulo



ORGANIZADORES

ELENO DE PAULA RODRIGUES

JORGE KAZUO YAMAMOTO

ANA MARIA GÓES

MARIA CRISTINA DE MORAES

Instituto de Geociências - USP
São Paulo, Brasil

2012



Copyright © 2012 - Instituto de Geociências - USP
Todos os direitos reservados, incluindo a reprodução do
todo ou de partes em qualquer formato.

Capa

Rafael Coutinho

Organizadores

Eleno de Paula Rodrigues
Jorge Kazuo Yamamoto
Ana Maria Góes
Maria Cristina de Moraes

Revisão

Maria Cristina de Moraes
Ana Maria Góes
Jairo de Sant'Anna Taddeo
Daniel Atencio

Projeto Gráfico e Editoração

Helio Poszar

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo

José Moacyr Vianna Coutinho - Geologia e Causos /
organizadores: Eleno de Paula Rodrigues ...[et
al.]; capa Rafael Coutinho - São Paulo: IGc/USP,
2012.

255 p.: il

ISBN : 978-85-63124-03-6

1. Biografia 2. Mineralogia 3. Petrologia 4.
Geologia 5. Coutinho, José Moacyr Vianna I.
Rodrigues, Eleno de Paula, org. II. Coutinho,
Rafael

[2012]

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	9
AGRADECIMENTOS	12

PRIMEIRA PARTE

O COMPANHEIRO COUTINHO - RETROSPECTIVA DE SUA VIDA PESSOAL E CIENTÍFICA - <i>Professor Emérito Setembrino Petri</i>	13
--	----

SEGUNDA PARTE

CONTRIBUIÇÃO EM DIVERSAS ÁREAS DAS GEOCIÊNCIAS

MINERALOGIA - <i>Prof. Daniel Atencio</i>	36
MINERAIS PESADOS - <i>Prof. Ana Maria Góes</i>	56
GEMOLOGIA - <i>Geol. Jairo de Sant'Anna Taddeo</i>	67
GEOLOGIA DA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO <i>Professor Emérito Kenitiro Suguio</i>	70
CINZAS VULCÂNICAS EM SEDIMENTOS PERMIANOS DA BACIA DO PARANÁ <i>Prof. Jorge Kazuo Yamamoto</i>	75
METEORITO QUIJINGUE: O PRIMEIRO PALLASITO ENCONTRADO NO BRASIL <i>Geol. Eduardo Brandau Quitete</i>	83
ENSINO DE MICROSCOPIA ÓPTICA: O COUTINHOSCÓPIO <i>Prof. Fábio Ramos Dias de Andrade</i>	87
MODELAGEM PETROGENÉTICA: OS MACIÇOS ROCHOSOS DE ANITÁPOLIS - SC E MANDIRA - SP - <i>Geol. Eleno de Paula Rodrigues e</i> <i>Geol. Mirian Cruxên Barros de Oliveira</i>	91
NOMENCLATURA DE ROCHAS METAMÓRFICAS: IUGS - SUBCOMMISSION ON THE SYSTEMATICS OF METAMORPHIC ROCKS <i>Geol. Maria Heloisa Barros de Oliveira Frasca</i>	101

Mais tarde, fora do IPT, acompanhando trabalhos de licenciamento ambiental de projetos de Mineração ou de Engenharia Civil, me surpreendi ao ver o quanto havia aprendido com ele sobre a nossa flora. Assim agradeço, ao meu mestre e eterno aprendiz, a generosidade e entusiasmo com que sempre dividiu seu conhecimento com todos aqueles que o solicitassem.

Professor Coutinho, o Rinoceronte e Outras Espécies em Extinção

PROF. PAULO CÉSAR FONSECA GIANNINI

José Moacyr Vianna Coutinho é um mineralogista de mão cheia e prestígio internacional. Faz parte da história do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo. É autor de um dos primeiros e mais completos mapas geológicos da cidade de São Paulo, ainda atual. Tem tudo para ter seu nome gravado na pedra, para sempre, no panteão dos grandes geólogos brasileiros. E olha que essa pedra poderá ser um granito, um mármore ou um arenito silicificado da Bacia do Paraná. Tanto faz, porque ele sempre transitou com a mesma desenvoltura em todos os tipos de rocha. E olha que ele é geólogo não de formação, mas sim da mais insólita mistura de conhecimento transdisciplinar com infinita curiosidade e criatividade, o que alguns talvez chamem de vocação.

No entanto, o que sempre me fascinou no Professor Coutinho é ele estar além e acima disso tudo. É ele ser antes a própria paixão pelas rochas e minerais materializada em gente, eu disse gente, do que o nome gravado num deles. É ele ser, sobretudo, o Professor Coutinho, como acabo de escrever, e grifar, sem nenhum esforço, e não apenas uma referência bibliográfica famosa a caminhar pelos corredores do Instituto. O que mais me admira nele é sua figura humaníssima, acessível, espontânea, bem-humorada, cercada de histórias engraçadas ou no mínimo curiosas, e que, quando menos se espera, acaba de virar personagem de mais uma. Admiro também o fato de que, dizem e eu não duvido, ele fez aquele mapa geológico da cidade de São Paulo como passatempo, em seus finais de semana. Imagino que com ajuda de um “fusca” 66, o qual, de vez em quando, ele esquecia onde tinha estacionado. Fico fascinado com sua criação, nos anos 1980, junto com o Prof. Armando Márcio Coimbra, de uma apostila de identificação de minerais pesados, de apenas dez páginas, e essa apostila ser usada até hoje em aulas de graduação e pós-graduação, porque consegue fazer o mais inseguro iniciante no tema tornar-se capaz, por si só, de reconhecer minerais, com alto índice de acerto, e com alto índice de autossatisfação intelectual. A propósito, o Professor Coutinho, por essas e outras, é o criador involuntário de uma espécie de escola de minerais pesados dentro do Instituto de Geociências. Escola que já deixa discípulos, e discípulos de seus discípulos, filhos, netos e bisnetos acadêmicos, em vários outros cantos do Brasil!

Contarei duas histórias que aconteceram com ele. A primeira delas tem justamente a ver com os minerais pesados. E serve para mostrar, mais uma vez, a exemplo da apostila, o quanto o seu raro conhecimento teórico de Mineralogia é capaz de se transformar rapidamente em solução para problemas práticos. Um dia, anos 1970, o Parque Zoológico de São Paulo adquiriu de uma entidade africana dois rinocerontes, supostamente adultos jovens. Poucas semanas depois, um

dos rinocerontes veio a morrer e a equipe de zoólogos do parque desconfiou que houvessem lhe vendido gato por lebre, digo, rinoceronte velho por jovem. Feita a reclamação ao fornecedor africano, a resposta foi de que o animal morrera de inanição. Nisso, embutia-se a insinuação de que o parque não soubera alimentar o rinoceronte. No entanto, ao fazer a autópsia, a equipe do Parque Zoológico encontrara no ceco intestinal nada menos que 15 kg de sedimento. Não chegava a ser totalmente espantoso. O rinoceronte sempre ingere um punhado de solo aderido às raízes dos arbustos e, por isso mesmo, possui ceco, uma espécie de moela, para eliminar o material granular. Levou-se a amostra deste sedimento, e o problema, ao Laboratório de Sedimentologia do Instituto de Geociências da USP. Leia-se professores Coutinho e Armando Márcio Coimbra. Eles tiveram a ideia de comparar o sedimento do ceco intestinal com o solo do Parque Zoológico onde o animal passara suas últimas semanas de vida. Tratava-se de solo arenolamoso sobre os sedimentos da Bacia de São Paulo: 45% de areia e o resto, silte mais argila. Na análise granulométrica comparativa entre solo e sedimento do ceco, encontraram distribuição de classes muito parecidas, com uma única diferença: faltavam as classes finas, siltico-argilosas, no ceco. Sinal de que o trato digestivo do rinoceronte estava conseguindo eliminar estes finos, mas não as areias. Este resultado já era uma luz para a interpretação da *causa mortis*, pois a não eliminação da fração arenosa era considerada um sintoma de ineficiência digestiva ligada à senilidade. Faltava, porém, provar, aos africanos, que o animal se alimentara normalmente em São Paulo. Foi aí que entrou a comparação de minerais leves e pesados. Ao confrontar as assembleias mineralógicas das duas amostras, ceco *versus* solo, Professor Coutinho e Armando viram que elas eram idênticas, com composição típica da Bacia de São Paulo. Portanto, o rinoceronte fizera mesmo suas últimas refeições no Parque Zoológico! Mais: conseguiram estimar até a quantidade de alimento digerido, a partir de uma simples regra de

três: 45 de areia está para 100 de sedimento total assim como 15 kg de areia retida no ceco está para X kg de sedimento ingerido pelo animal. X deu igual a 33 kg, uma quantidade respeitável para o tempo durante o qual o animal permanecera em São Paulo. E que demonstrava que ele ali se alimentara normalmente (COIMBRA; COUTINHO, 1976). Assim, o Professor Coutinho, junto com o Armando, tornaram-se os primeiros geólogos legistas de rinocerontes no Brasil...

A segunda historinha real sobre o Professor Coutinho é curta e absolutamente prosaica. De passagem pelo Instituto de Geociências, num domingo de manhã, dois ou três anos atrás, encontrei-o já deixando o prédio. Perguntei-lhe o que fazia ali, num horário como aquele. Respondeu-me que viera pôr uns desenhos na lousa e verificar se estava tudo certo, para a aula de segunda-feira, cedo. Pasmado, por alguns segundos, senti, estranho contrassenso, como se estivesse diante de um professor inexperiente, em início de carreira. Claro que não. Estava “apenas” diante de um dos mais eméritos representantes de uma espécie em extinção. A dos professores de verdade.

(A referência bibliográfica encontra-se na sétima parte do livro.)